



Minas Gerais mostra que
sua poesia segue
vigorosa em *Entrelinhas,
Entremontes: Versos
Contemporâneos
Mineiros*

VER GALERIA



Coletânea mostra a força da nova poesia mineira

por Ricardo Romanoff

Terra de grandes nomes da poesia brasileira como Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, Minas Gerais mostra que sua poesia segue vigorosa. Publicada neste ano pela **editora Quixote+Do**, a coletânea *Entrelinhas, Entremontes: Versos Contemporâneos Mineiros* reúne poemas de 61 poetas do estado, incluindo destaques nacionais como Ana Martins Marques. A obra foi organizada a seis mãos pelos poetas e professores Vera Casa Nova e Kaio Carmona e pelo poeta Marcelo Dolabela – falecido em janeiro de 2020 e homenageado em *edição especial da revista Germina*.

O livro físico está em fase de pré-venda (R\$ 40) e já ganhou versões em outros formatos: a obra pode ser baixada no site da publicação e teve seus poemas transformados em audiolivro no Spotify. Além disso, em agosto de 2019, poetas e bailarinos levaram textos da coletânea ao palco do Teatro Marília, em Belo Horizonte – trechos da ocupação do espaço cênico estão disponíveis em vídeo no canal online da obra, viabilizada com patrocínio da UnibH e recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte.

"Costumamos brincar aqui em Minas que os mineiros tendem a preferir homenagear os mortos. Quando vem uma chance para homenagearmos os autores contemporâneos – nossos colegas 'de praça', por assim dizer, ou 'da livraria' –, é uma grande oportunidade para brindarmos a vida dos poetas, da poesia, o hoje que vivemos", conta Luciana Tanure, editora da **Quixote+Do** – que aguarda a reabertura das livrarias do país para distribuir os exemplares da obra e lançá-la na Livraria Quixote, na capital mineira.

Kaio Carmona, doutor em Estudos Literários (UFMG) e pós-doutorando em Poéticas da Modernidade (UFMG), é coorganizador de *Entrelinhas, Entremontes*, coletânea que também integra como poeta. O autor de *Um Lírico dos Tempos* (Scortecci, 2006), *Compêndios de Amor* (Scriptum, 2013) e *Para Quando* (Scriptum, 2017) conversou com a gente sobre a publicação. Confira:

O projeto do livro levou três anos para ser concluído. Quais foram os principais desafios de todo o processo até a publicação?

A ideia partiu da Vera Casa Nova, que idealizou uma coletânea da nova poesia que se produzia em Minas Gerais. Depois, Vera convidou Marcelo Dolabela e a mim para compormos a organização e contribuirmos com a realização da empreitada. De lá para cá, os desafios foram muitos: critério e seleção de poemas, contato com os poetas, busca de editoras, viabilização financeira da obra, organização do material, entre tantas outras tarefas que exige uma publicação com essa qualidade e representatividade. Em 2018, finalmente conseguimos uma parceria com a **editora Quixote+Do**, entramos no edital municipal de incentivo à cultura (FMC), conseguimos ser aprovados e a realização do projeto foi possível. Ao todo são 61 poetas compilados, e estamos cientes de que existem muitos outros bons poetas mineiros, mas por força do calendário concluímos em 2019 a seleção dos autores e dos poemas. O que se vê em *Entrelinhas, Entremontes* é a capacidade da poesia, especialmente em Minas Gerais, de resistir e persistir com qualidade e diversidade diante de um cenário tão adverso à arte e à cultura.

Entrelinhas, Entremontes teve desdobramentos para além do livro: no palco, em vídeo e em áudio. Como foi explorar outras linguagens e formatos? Em relação ao audiolivro, de que forma a produção poética pode se beneficiar desse tipo de publicação?

Acreditamos que a poesia deve chegar a todos, por diversos formatos e linguagens. Para isso, contamos principalmente com o trabalho de Vera Casa Nova e de Luciana Tanure, editora da **Quixote+Do**, que conseguiram vincular o projeto a outras propostas artísticas e levar a poesia de Minas Gerais para o palco do Teatro Marília, espaço público de Belo Horizonte. A apresentação foi bastante prestigiada, com um público interativo com as diversas manifestações artísticas: danças no ar, com a Cia Suspensa, vídeos, bailarinos e atores interpretando os poemas; pinturas, performances, slam e leituras. Além disso, criamos para o projeto um site, redes sociais e um audiolivro, na plataforma Spotify, que permite a audição dos 305 poemas, lidos por mim e pela Vera Casa Nova. A decisão de construir um audiolivro partiu do desejo de levar a poesia a muitas pessoas, além do livro físico, às pessoas que têm dificuldade visual e aos leitores que preferem o caráter acústico e melódico dos textos.

As paisagens mineiras, sejam elas montanhas ou espaços urbanos, se revelam no título e em diversos poemas da coletânea, por vezes aludindo aos recentes desastres ambientais que ocorreram em Brumadinho e Mariana. Como você descreve os olhares que os poetas de Minas Gerais dirigem ao entorno e a esses acontecimentos trágicos?

Refletir sobre a paisagem tem sido uma constante em nossas terras. As montanhas e os espaços urbanos são matéria poética desde o século 18 até hoje; desde Cláudio Manoel da Costa até Carlos Drummond de Andrade e Afonso Ávila. Bem como o processo de exploração, da natureza e das pessoas, que se instaurou aqui desde o período colonial. Esse processo segue firme e perverso no século 21 e frequentemente testemunhamos o resultado de tamanha vileza nas tragédias anunciadas previamente, como a de Mariana e de Brumadinho. A poesia contemporânea de Minas não se furta a esta denúncia e propõe por meio de seus versos alguma conscientização de nossa história e de nosso presente.



Como tem sido a recepção do livro até agora? Quais os planos dos organizadores para a publicação, tendo em vista as dificuldades impostas pela pandemia?

Vivemos um momento inédito e terrível em nossa história, imprevisível há alguns meses. Infelizmente, e não só para a nossa coletânea, a pandemia afetou e continuará afetando outras produções culturais. Não bastasse isso, com todas as mortes e prejuízos causados pela Covid-19, nosso governo federal e a secretaria de cultura parecem, de caso pensado, trabalhar para a precarização e sucateamento das artes, cortando incentivos e projetos, dando as costas à memória e à cultura do país.

Embora todo esse quadro adverso, a crença na poesia como arte transformadora da humanidade resiste e persiste. Por isso, criamos algumas saídas para a divulgação da obra. Estamos desde o início em constante contato com os poetas de Minas Gerais, na esperança e vontade de que tudo saia conforme a vontade do autor. Quando a quarentena começou, nós estávamos já com o lançamento físico da obra agendado, mas tivemos de suspender. Mas, mesmo antes, publicamos semanalmente trechos da obra, biografia dos autores e as leituras dos poemas no Spotify. O livro está em pré-venda na Livraria Quixote, e, assim que toda essa loucura passar – e vai passar –, realizaremos o lançamento físico da obra.

O livro tem uma dedicatória ao poeta Marcelo Dolabela, coorganizador da publicação, falecido em janeiro deste ano. Como foi a parceria de vocês e qual a contribuição de Dolabela para o projeto?

Marcelo Dolabela foi não só grande poeta, mas também importante agitador cultural em Minas Gerais. Idealizou e realizou vários projetos culturais, e em todos eles deixou sua voz reflexiva e irreverente. Seu falecimento precoce foi uma perda enorme para as artes mineiras. Dolabela foi fundamental para a concepção da obra *Entrelinhas*, *Entremontes* e partiu dele ideias que levamos até o momento, na produção e divulgação da poesia que se encontra no livro. Por isso e por tudo o que representa para a cultura mineira é que dedicamos o livro a ele. Ao longo da concepção do projeto, tivemos também outra perda precoce e dolorosa com o falecimento de Camilo Lara, poeta que compõe a obra e foi por diversas vezes parceiro de Marcelo Dolabela em seus projetos.

Por fim, como você convidaria os leitores, em meio ao isolamento social, a viajar por Minas Gerais através das páginas e áudios do livro?

A poesia contemporânea brasileira atesta um período de fértil produtividade, com qualidade e diversidade. Muitas boas poetas e muitos bons poetas têm produzido versos que em conjunto edificam a nossa literatura. A poesia de Minas Gerais compõe um dos quadros que é esse grande mosaico da literatura brasileira. No prefácio para a obra, Domicio Proença afirma: "Trata-se de um livro que permite ao leitor, ao lado de desfrutar o prazer do texto, travar contato com a arte poética em processo entre as montanhas de Minas e o espaço do silêncio do texto literário, lugar em que melhor se diz. E, sobretudo, constatar que, nas terras mineiras, a poesia vive". A poesia mineira resiste, a poesia brasileira persiste!



CLIPPING
(2020)

**O TEMPO**

Portal O Tempo > Cidades > Artigo

CAMPANHA

'Solidariedade Salva Vidas' distribui cestas com kit literatura para famílias

A primeira fase, há cerca de um mês, distribuiu cerca de 3.000 cestas básicas. Uma segunda remessa de 1.000 cestas começou a ser distribuída nesta sexta-feira (10)

Por LITZA MATTOS
10/04/20 - 23h18

A primeira fase, há cerca de um mês, distribuiu cerca de 3.000 cestas básicas. Uma segunda remessa de 1.000 cestas, que começou a ser distribuída nesta sexta-feira (10), contou com o reforço de "kits literatura. Segundo o jornalista e ex-presidente da Casa do Jornalista, Kerison Lopes, a **Quixote+DO Editoras Associadas** doou 1000 livros para as 1000 cestas básicas que serão distribuídas para as associações beneficiadas nesse momento de pandemia do coronavírus. E recebemos também macarrão da empresa Petisco e Mara", diz.

A editora Luciana Tanure, comemora a ação. **"A Quixote+DO, como uma editora de Belo Horizonte,** está fazendo o que precisa ser feito, dando as mãos para ONGs, associações e entidades que estão na base, agindo nas comunidades mais frágeis da capital mineira para a promoção da leitura e da importância da literatura nesse período de isolamento. Essa é uma ação para que a gente erradique o vírus da ignorância e para que possamos ter, cada vez mais, leitores, independentemente de classe social, de cor ou de gênero", celebra.

A campanha ainda vai distribuir também 1000 máscaras de proteção individual. As máscaras estão sendo confeccionadas por duas costureiras profissionais e moradoras do Alto Vera Cruz, que doaram o seu trabalho confeccionando os produtos. "O que é importante nesse momento é que as pessoas fiquem em casa e que tenham condição, ou seja, estejam bem alimentadas. Além disso, nós consideramos que neste momento onde está se naturalizando tanto a palavra morte, a gente precisa criar uma corrente em defesa da vida, e a forma que a gente encontrou foi através dessa campanha", afirma Lopes.

Segundo ele, a entrega dos livros e das cestas está sendo feita de acordo com todas as normas de proteção e de segurança recomendadas pelos órgãos de saúde oficiais.



FLIR 2019 leva para as ruas a amizade e a leitura

Posted on 16/08/2019 by Joao Camilo

Jorge Luis Borges dizia, que a amizade era o principal tema da literatura. É com esse espírito em mente que a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, a Câmara Mineira do Livro e a **Quixote+DO Editoras Associadas**, apresentam: o Festival Livro na Rua 2019 com o título "Os livros nossos amigos: uma homenagem a Eduardo Frieiro", nos dias 23, 24 e 25 de agosto, na Rua Fernandes Tourinho, entre a rua Pernambuco e a Avenida Getúlio Vargas, já conhecida como Rua da Literatura.

Durante os três dias de eventos, uma feira de expositores com livrarias (a partir do sábado), pequenas editoras e artistas gráficos oferecerão aos visitantes uma chance de travar amizade com os livros, enquanto escritores, ilustradores, contadores de histórias, músicos e outros artistas estarão se apresentando nos espaços organizados pela produção do evento.

A primeira edição do evento, realizada em 2017, levou para rua as livrarias e chamou atenção para a importância delas para o mercado editorial. O retorno do FLIR reforça essa importância, já que em 2018, um movimento nacional trouxe otimismo para o mercado literário, quando vários escritores, ilustradores, editores e entidades do setor lançaram campanhas de promoção das livrarias. Hashtags invadiram as redes sociais convidando as pessoas a entrarem em uma livraria para comprar um livro.

Além disso, o FLIR reforça a importância da literatura e da leitura como a principal forma de mediação entre as pessoas, que podem ocupar a rua para um diálogo pacífico e construtivo, permitindo que as ideias fluam pela cidade, apesar das diferenças. A concepção do evento leva em conta essa harmonia e tem uma proposta de ocupação de espaço não agressiva e convidativa para a população.

RUA DA LITERATURA

A Fernandes Tourinho é uma rua única em Belo Horizonte: no espaço de apenas alguns quarteirões várias pequenas livrarias sobrevivem, marcando a região de tal forma com seus eventos diários, que a rua já é conhecida como Rua da Literatura. O jornalista Afonso Borges tomou a iniciativa de oficializar o nome da rua e luta para que o local seja oficialmente conhecido desta forma e possa, assim, se tornar um símbolo da luta pela cultura literária e especialmente, pela preservação das pequenas redes de livraria, fundamentais para a formação de leitores e preservação da diversidade do mercado editorial, conhecida como Bibliodiversidade.

O Festival livro na rua – FLIR 2019 é realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à cultura de Belo Horizonte e o patrocínio do Instituto Cultural Unimed, além do apoio da Academia Mineira de Letras, Globo, Comitê Netmóveis e CDL-BH.

Serviço

FESTIVAL LIVRO NA RUA

Data: 23, 24 e 25 de agosto

Horário: Cerimônia de abertura: 19:30 na sexta. 10 horas às 21 horas no sábado; 10 horas às 16 horas no Domingo

Local: Rua Fernandes Tourinho nos quarteirões entre Avenida Getúlio Vargas e Avenida Cristóvão Colombo.

#flir #flir2019 #festivalvtronarua #livrarias

Quer conhecer escritores e livros, ganhar autógrafos e assistir a shows?

O II Festival Livro na Rua vai ocupar a Rua Fernandes Tourinho, no quarteirão das livrarias, na Savassi, em BH, entre os dias 23 e 25 de agosto, com muitas novidades e atrações, inclusive contação de histórias

12 José Eduardo Gonçalves *

publicado em 14/08/2019 12:20 / atualizado em 16/08/2019 12:30



3 "Ainda vão me matar numa rua. Quando descobrirem, principalmente, que faço parte dessa gente que pensa que a rua é a parte principal da cidade." - Paulo Leminski

Em depoimento memorável concedido a poucos amigos, em 2006, e que só veio a público 10 anos depois, na edição especial do título *Livraria Amadeu* (Ed. Conceito, 2016), o livreiro Amadeu Rossi Cocco, ao relembrar o seu longo percurso no mundo dos livros, iniciado em 1932, acaba por compor uma geografia de afetos que inclui a memória de livrarias já extintas, as histórias de leitores famosos e anônimos, os casos engraçados e comoventes que presenciou. De certa forma, o que se estrutura ali é uma certa genealogia das livrarias locais, com sua vocação para servir a uma cidade em permanente transformação. "Procurei sempre ser útil à coletividade", resume o livreiro, falecido em 2009. Livrarias são isso mesmo – espaços para a circulação de ideias que ajudam a construir uma esfera pública mais rica, mais dinâmica, depositária de valores e princípios mais sólidos. Por isso, é sempre hora de celebrar os livros e as livrarias de rua que traçam nesse roteiro civilizatório.

SAIBA MAIS

12/08 - 14/08/2019
Conheça Gustavo Casarém, o educador modernista

09/08 - 09/08/2019
Você tem muita saudade do seu pai?

04/09 - 02/09/2019
O futuro de Ildeu Ruyner chegou: conheça o 2019 retratado na ficção

O Festival Livro na Rua – Flir, em sua segunda edição (a primeira foi em 2017), será realizado em 23, 24 e 25 de agosto, na Rua Fernandes Tourinho, na Savassi, em Belo Horizonte. Realização da Câmara Mineira do Livro e da Quixote e do Editoras Associadas, com o apoio da prefeitura e de muitos colaboradores, o festival vai oferecer debates, saraus, performances, shows, contação de histórias, estandes de editoras, oficinas e sessões de autógrafos, envolvendo dezenas de escritores e de representantes da área editorial.

Nesta edição, o Flir homenageia o escritor e professor Eduardo Frieiro (1889-1982), figura icônica da cena literária e intelectual de Belo Horizonte, um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da UFMG, criador e primeiro diretor da Biblioteca Pública de Minas Gerais, antiga Biblioteca Estadual Luiz de Bessa. É dele que tomamos emprestado o título de um de seus livros – Os livros nossos amigos – como mote e inspiração.

A RUA DAS LIVRARIAS

O festival não poderia ser realizado em outro lugar. A Rua Fernandes Tourinho congrega, em apenas dois quarteirões, entre as avenidas Cristóvão Colombo e Getúlio Vargas, um patrimônio inestimável de bens e símbolos culturais. A começar pela existência ali de três livrarias – a Quixote, a Scriptum e a Ouvidor, a mais antiga delas, em atividade desde os anos 1970. Mas há muito mais. A rua abriga outras raridades, como a Acústica, uma das últimas lojas de CDs da cidade; a Art-Video Savassi, locadora sobrevivente e de acervo magnífico; e a Patrícia de Deus, loja que leva o nome da proprietária e que é um verdadeiro santuário de artes gráficas, design e outras criações inspiradas em papel.

A concentração de livrarias torna a rua incomum. Livrarias não são territórios explicáveis apenas sob a ótica do comércio e do mercado, ainda que vivam da compra e venda de mercadorias. Este é um negócio que alimenta uma indústria expressiva, que mobiliza capital, tecnologia, logística, estratégias de produção, profissionais diversos. É tudo isso, mas não apenas isso.

Livrarias são entidades dotadas de certa ambiguidade – entre o acolhimento e a desconfiança. Você entra e se dá conta da multidão à sua espreita. São muitas vozes e dissonâncias: romances, ensaios, poemas, contos, textos para o teatro, estudos filosóficos, literatura de toda parte do mundo, de ontem e de hoje. Da Grécia aos sertões sagarinos, a viagem é longa, sem porto final. Livros que podem ser leves, robustos, virulentos, tocantes, densos ou melosos, ficcionais ou não, portadores de uma vastidão de ideias, narrativas, estilos e tantas outras maluquices que só as livrarias – e as bibliotecas públicas – são capazes de acolher e de dispor ao público.

Qualquer livraria, por isso mesmo, já merece vida longa. Aquelas com portas abertas para as calçadas e sujeitas ao vaivém das pessoas merecem ainda mais, justamente pelo seu caráter um pouco anárquico, insubmisso. Nas boas livrarias de ruas ganham relevância as pequenas editoras, as publicações independentes, escritores que fogem ao padrão best-seller. Livros e autores ignorados pelas megalivrarias podem ser vistos ao lado de totens como Drummond, Proust, Machado e Dostoiévski. Ombro a ombro.

Por isso é preciso salvar as livrarias de rua da sufreguidão do século. Muitas já fecharam as suas portas na cidade, a exemplo – só para ficar em anos recentes – da Van Damme, no Centro, e da Status e da Mineiriana, ambas na Savassi. São perdas irreparáveis no tecido que sustenta o projeto social, humanista e civilizatório da moderna capital mineira. Por isso, há que se resistir. Uma livraria de rua será sempre um ponto de encontro, de troca de afetos, de aposta no inesperado e na multiplicação de possibilidades de confraternização. Uma livraria aberta é como um gesto fraterno. De reconhecimento do outro. De valorização da memória e da palavra como testemunhos de vida. Para quem quer uma cidade melhor, um país melhor, uma livraria de rua é uma bela resposta à estupidez que anda dando as caras por aí.

Qualquer livraria, por isso mesmo, já merece vida longa. Aquelas com portas abertas para as calçadas e sujeitas ao vaivém das pessoas merecem ainda mais, justamente pelo seu caráter um pouco anárquico, insubmisso. Nas boas livrarias de ruas ganham relevância as pequenas editoras, as publicações independentes, escritores que fogem ao padrão best-seller. Livros e autores ignorados pelas megalivrarias podem ser vistos ao lado de totens como Drummond, Proust, Machado e Dostoiévski. Ombro a ombro.

Por isso é preciso salvar as livrarias de rua da sufreguidão do século. Muitas já fecharam as suas portas na cidade, a exemplo – só para ficar em anos recentes – da Van Damme, no Centro, e da Status e da Mineiriana, ambas na Savassi. São perdas irreparáveis no tecido que sustenta o projeto social, humanista e civilizatório da moderna capital mineira. Por isso, há que se resistir. Uma livraria de rua será sempre um ponto de encontro, de troca de afetos, de aposta no inesperado e na multiplicação de possibilidades de confraternização. Uma livraria aberta é como um gesto fraterno. De reconhecimento do outro. De valorização da memória e da palavra como testemunhos de vida. Para quem quer uma cidade melhor, um país melhor, uma livraria de rua é uma bela resposta à estupidez que anda dando as caras por aí.

PROGRAMAÇÃO

23 de agosto

» Abertura: 19h30

Espaço A Ilusão Literária – Os livros nossos amigos: uma homenagem a Eduardo Frieiro

24 de agosto

» Tablado: Espaço O brasileiro não é triste

» 10h às 19h – Vários temas para conversa com autores e especialistas

» Sagarana – Show de Celso Adolfo e Sarau dançado: Glaucia Santos, Leo Gonçalves, Kaio Carmona, Adriane Garcia, JoMaKA, Luiz Walter Furtado, Júlia Elisa, Natália Menhem, Pieta Poeta, Alicia Maria, Lelena Lucas participantes da Corpo Escola de Dança e do GED – Corpo Cidadão.

» Espaços na Livraria da Rua

A partir das 11h – Bate-papo sobre a Savassi. No livro A Turma da Savassi... que virou nome de bairro, publicado em segunda edição pela editora Migalhas, Jorge Fernando dos Santos conta a história de duas gerações que marcaram época em BH, entre as décadas de 1940 e 1960.

25 de agosto

» Tablado: Espaço O brasileiro não é triste

» 10h às 16h – Literatura infantil em revista; Ponto de Leitura – Mulher em Poesia Bruta, Poesias dançantes, O contista mineiro é uma ficção? Fantasmas que tiram o sono do escritor e Correio aéreo noturno.

» Mesa 1: A leitura ajuda a viver

Espaço para lançamentos de escritores de outras editoras participantes do festival e autores independentes.



31/OUT/2019

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS RECEBE PALESTRA SOBRE A NARRATIVA POLICIAL



O gênero policial é um dos mais populares da literatura, com a característica de prender o leitor do início ao fim em uma história instigante. A temática é abordada na palestra **"A narrativa policial e as cidades do crime"**, que acontece na Academia Mineira de Letras, no dia 31 de outubro, às 19h30. Quem vai abordar o assunto são os escritores **Vera Carvalho Assumpção e Marcus Vinícius de Freitas** sob coordenação da professora **Lyslei Nascimento**. Na ocasião, haverá também o lançamento do livro **"O olhar enigmático de Moacyr Scliar"**, organizado por Lyslei Nascimento e Maria Zilda Cury (**Quixote+Do Editoras Associadas**).

O evento acontece no âmbito do Plano Anual de Manutenção AML, realizado mediante a Lei Federal de Incentivo à Cultura, com patrocínio do Instituto Unimed-BH, por meio do incentivo fiscal de mais de cinco mil médicos cooperados e colaboradores, e copatrocínio da CEMIG.

A escritora Vera Carvalho Assumpção criou um dos mais instigantes detetives da literatura brasileira contemporânea: Alyrio Cobra. Sua obra, com mais de uma dezena de títulos, tem São Paulo como cenário privilegiado. Já o escritor Marcos Vinícius de Freitas criou o detetive Romero Puntel e é em Belo Horizonte que vai investigar os crimes.

Tanto Vera Assumpção quanto Marcus Freitas elegem as cidades contemporâneas, seus vãos e desvãos, para um tipo de narrativa que põe em cena criminosos e transgressores atuando no espaço urbano, como numa espécie de ratoeira ou armadilha. Os leitores podem, com esses escritores, reconhecer ruas, praças, bairros, instituições, todas ficcionalizadas por histórias de crimes e contravenções.

SERVIÇO:

Palestra "A narrativa policial e as cidades do crime", com Vera Carvalho Assumpção e Marcus Vinícius de Freitas, coordenação da mesa: Lyslei Nascimento

Lançamento do livro "O olhar enigmático de Moacyr Scliar", organizado por Lyslei Nascimento e Maria Zilda Cury (**Quixote+Do Editoras Associadas**).

Data: 31 de outubro

Carla Madeira autografa 'Tudo é rio' na Livraria da Rua

Primeiro romance da escritora foi lançado em 2014

1 por Estado de Minas
30/09/2019 20:27

f FACEBOOK t TWITTER



A publicitária Carla Madeira autografa, nesta sexta (31), o romance **Tudo é rio** na Livraria da Rua, na rua Sapucaí, 383, Bairro Floresta, na Região Leste de Belo Horizonte. Campeão de vendas da editora **Quixote+Do Editoras Associadas**, o livro teve a primeira edição esgotada. Estreia da autora, o romance conta história que se passa em lugar impreciso, em tempo indefinido. Amor, erotismo, dor, perdão e saudade são os sentimentos que envolvem uma prostituta, um casal e seus filhos.

Carla Madeira é publicitária, relações públicas e jornalista. É diretora de criação da Agência Lápis Raro, uma das empresas de comunicação mais premiadas e reconhecidas de Minas Gerais. "Tudo é rio" começou a ser escrito há quinze anos: "era sobre três irmãs, que perdem a mãe quando a caçula nasce e são criadas por uma outra mulher. Avancei bastante nesta narrativa", diz. A escritora chegou a uma segunda história: o triângulo entre a prostituta Lucy, e o casal Dalva e Venâncio. "Na época, eu estava grávida, e quando escrevi o que aconteceu entre Venâncio, Dalva e o filho deles, foi um tapa indescritível. Os sentimentos que experimentei me arrasaram", lembra. Ela suspendeu a escrita, retornando ao livro em 2013. "enti a vontade insistente de retomar a história dos três, que acabou se tornando o ponto central do livro", completa.

Tudo é Rio
Carla Madeira
Editora Quixote+Do Editoras Associadas
214 páginas
214 páginas
214 páginas

> PESQUISA



> RELAÇÕES COM A SOCIEDADE

> MÍDIA & COMUNICAÇÃO

Guilherme Castro e **Quixote+Do Editoras Associadas** lançam o livro **"A performance do som"**

f t w i n +

qui 21 dez 2017 | 18:00



O autor Guilherme Castro, em parceria com a **Quixote+Do Editoras Associadas**, realiza o lançamento do livro **"A performance do som: produção e prática musical a partir do conceito de sonoridade"**. O lançamento acontece no dia 21 de dezembro, a partir das 19 horas, na Quixote Livraria e Café (na rua Fernandes Tourinho, 274 - Savassi, Belo Horizonte).

A ideia do livro surgiu a partir de uma tese feita por Guilherme em 2015 e orientada pelo professor José Eduardo Ribeiro Paiva, do Instituto de Artes (IA). Ele investiga os modos como ocorre a prática musical e o trabalho que envolve o processo de produção musical de canções da música popular em estúdio.